

Prevenção da Aids com adolescentes encarcerados em São Paulo, SP

AIDS prevention among incarcerated teenagers, Brazil

Camila Alves Peres^a, Vera Paiva^b, Fernando da Silveira^b, Rodrigo Alves Peres^b e Norman Hearst^c

^aPrograma Estadual de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids. São Paulo, SP, Brasil. ^bNúcleo de Estudos para a Prevenção da Aids. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. ^cUniversity of California. San Francisco, EUA

Descritores

Síndrome de imunodeficiência adquirida, prevenção. Adolescência. Conhecimentos, atitudes e prática. Prisioneiros. Fatores socioeconômicos. Comportamento sexual. Transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas. Risco. HIV.

Resumo

Objetivos

Descrever o perfil de adolescentes quanto ao apoio social e familiar, ao uso de drogas e os conhecimentos, as práticas e atitudes relacionadas à Aids e sua prevenção.

Métodos

Foram estudados 275 jovens internos, do sexo masculino, de um centro de internação da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (Febem), em São Paulo, SP. A pesquisa foi feita em duas fases: a primeira por meio de entrevistas semi-estruturadas com 20 internos; a segunda, com questionários para auto-respostas aplicados aos 275 internos, com perguntas fechadas referentes a características sociodemográficas, criminalidade, práticas sexuais, uso de drogas, conhecimento, atitudes e práticas relativas à Aids.

Resultados

Do total estudado, 90% dos jovens internos residiam com suas famílias antes da internação; todos haviam estudado em escolas públicas, ainda que 61% já houvessem abandonado os estudos; 12% já haviam usado drogas; e 5,5% eram usuários de drogas intravenosas. A maioria (98%) era sexualmente ativa; 35% haviam tido mais de 15 parceiras(os) sexuais ao longo da vida; 8% haviam tido experiências homossexuais (dentro ou fora da Febem); 12% já haviam trocado sexo por benefícios materiais; e 22% já eram pais. Muitos dos adolescentes afirmaram que adquirir o HIV “é parte da vida” e que suas vidas apresentam riscos piores, como sobreviver na criminalidade. Acreditam que o preservativo é frágil (83%) e atrapalha a relação sexual (58%); 72% já haviam utilizado preservativo, mas apenas 9% o utilizavam sempre.

Conclusões

Os adolescentes apresentaram um elevado risco de aquisição do HIV. Assim, torna-se necessário integrar a prevenção da Aids em sua problemática de vida e em temas como racismo, esperança pelo futuro, criminalidade, uso de drogas, direitos fundamentais, incluídos nestes os referentes ao sexo e à reprodução, mostrando existir alternativas a adquirir o HIV ou morrer na criminalidade.

Keywords

Acquired immunodeficiency syndrome, prevention & control. Adolescence. Knowledge, attitudes, practice. Prisoners. Socioeconomic factors. Sex behavior. Substance-related disorders. Risk. HIV.

Abstract

Objectives

To describe social and family support, drug use, and knowledge, practices and attitudes related to AIDS and its prevention among male teenagers.

Correspondência para/Correspondence to:

Vera Paiva
Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids
Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo
Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco A
05508-900 São Paulo, SP, Brasil
E-mail: veroca@usp.br

Pesquisa subvencionada pelo Center for AIDS Prevention Studies. University of California, Berkeley, USA; e pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo.

Edição subvencionada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp – Processo nº 00/07406-2). Recebido em 22/1/2001. Reformulado em 31/8/2001. Aprovado em 3/7/2002.

Methods

Participants were 275 male teenagers interned in a youth detention center (FEBEM - State Foundation for Juvenile Well-Being) in São Paulo, Brazil. There were two segments. In segment 1, semi-structured interviews with 20 detainees took place. In segment 2, close-end self-administered questionnaires covering sociodemographic data, criminal records, sexual practices, drug use, attitudes, knowledge and AIDS-related practices were applied.

Results

Ninety percent of the detainees lived previously with their families. All of them had attended public schools, although 61% had already dropped out. Twelve percent had never used drugs, and 5.5% were intravenous drug users. Most (98%) were sexually active; 35% had had more than 15 sexual partners, 8% had homosexual experiences (inside or outside the center), 12% had exchanged sex for material return and 22% were fathers. Many said that getting HIV infected "that's life" and that they face greater risks in their lives, such as surviving on the streets. They think condoms are easily broken (83%) and interfere with sex (58%); 72% had used condoms but only 9% used them with all their partners.

Conclusions

These teenagers have a very high risk of HIV infection. It is necessary to integrate AIDS prevention programs to their life ills and related problems such as racism, expectations for the future, criminality, drug use, basic rights including sexual and reproductive rights, and show them there are alternatives other than exposing themselves to HIV infection or dying as criminals.

INTRODUÇÃO

A delinqüência juvenil e a violência são graves problemas sociais e de saúde pública nas cidades brasileiras de grande porte. No Município de São Paulo, o homicídio é a principal causa de morte de adultos jovens (15-25 anos), e os índices são mais elevados na periferia da cidade (Fundação Seade,⁴ 1999). O Estado de São Paulo tem cerca de 5 mil adolescentes internos em unidades da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem) e 10 mil em regime de liberdade assistida. Segundo dados da própria Febem, 95% dos assistidos são do sexo masculino. As unidades de internação costumam apresentar um quadro precário de condições físicas, materiais e humanas para assistir adequadamente esses jovens. Há falta de funcionários qualificados, e as unidades têm uma população acima de sua capacidade de atendimento.

Em São Paulo, há poucas políticas públicas efetivas voltadas para o jovem pobre, especialmente quanto a profissionalização, educação, cultura e lazer. Vários autores entendem que a questão da criminalidade vem sendo utilizada como instrumento de acesso para garotos pobres conseguirem cidadania: ganhar dinheiro, fazer parte de um grupo de referência, desenvolver identidade masculina, testar limites e conseguir respeito.*

Esse contexto social amplia a vulnerabilidade des-

ses jovens ao vírus da imunodeficiência humana (HIV) e à Aids. O único estudo de soroprevalência realizado na Febem encontrou, numa amostra de 1.112 meninos e 87 meninas, taxas de 2,6% e 10,3%, respectivamente (Zanetta et al,¹² 1999). Esses dados são coerentes com a descrição do curso da epidemia do HIV/Aids no Brasil nos últimos anos, que vem apresentando mudanças quanto a seu perfil epidemiológico, com a crescente pauperização da população infectada, aumento de casos entre usuários de drogas injetáveis e população heterossexual, principalmente entre mulheres, crianças e jovens. Desde o início da epidemia, o grupo etário mais atingido, em ambos os sexos, tem sido o de 20 a 39 anos. Sabendo que a pessoa infectada leva cerca de dez anos, em média, para evoluir para Aids, pode-se inferir que esses adultos tenham se infectado quando adolescentes ou adultos jovens (Boletim Epidemiológico,³ 2000).

O objetivo do presente estudo é descrever o perfil dos internos na Febem, com idade entre 13 e 19 anos, com relação a: criminalidade; uso de drogas; apoio social e familiar; e conhecimento, práticas e atitudes relacionados à Aids e sua prevenção.

MÉTODOS

O estudo foi conduzido de janeiro a setembro de 1998 em três unidades educacionais da Febem, Complexo do Tatuapé, que acolhia cerca de 300 internos,

*Adorno R. Espelhos e Imagens: Uma pesquisa em sexualidade dentro da Febem. (Não publicado).

e foi desenvolvido em duas fases: entrevistas em profundidade e aplicação de questionário.

Em cada unidade, depois de apresentar a proposta para todos os internos, foram sorteados 20 entre os que se dispuseram voluntariamente a ser entrevistados. Nessa fase não houve recusa em nenhum momento. As entrevistas, para conhecê-los melhor, foram realizadas numa sala isolada em cada unidade por uma equipe especialmente treinada de estudantes de psicologia. Na entrevista, de duas horas em média, foram feitas perguntas, segundo um modelo previamente construído, sobre: violência, criminalidade e contexto político do Brasil, experiências de vida na infância e adolescência, expectativa para o futuro, vida em liberdade (contexto familiar, divertimento, cotidiano, namoro, sexo), drogas e Aids e sua prevenção.

Para a segunda fase do estudo, foi desenvolvido um questionário com perguntas fechadas, que levava em média uma hora para ser preenchido e que foi pré-testado em internos de uma unidade que não fazia parte do projeto. O questionário foi construído com base na análise temática das entrevistas em profundidade e foi inspirado nas referências e instrumentos usados em projetos de pesquisa associados a programas de prevenção entre jovens estudantes de escolas noturnas em São Paulo (Paiva,⁸ 1996; Antunes et al,¹ 1997). Em julho de 1998, depois da proposta ser apresentada nas três unidades para todos os 300 internos, 275 responderam o questionário voluntariamente. Todos assinaram termo de consentimento que, entre outros itens, colocava que a participação era voluntária e que a não-participação não acarretaria prejuízo. Como o questionário possuía várias perguntas pessoais sobre sexualidade, uso de drogas e criminalidade, optou-se por um questionário para auto-respostas e anônimo, que foi aplicado coletivamente em grupos de 20 internos reunidos numa sala da unidade. O questionário foi aprovado pelas comissões de ética da *University of California*, EUA, e pelo Programa Estadual de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids de São Paulo. As variáveis investigadas foram:

- dados socioeconômicos e familiares: cidade de residência antes da internação; estado civil; filiação; raça; religião; escolaridade e apoio familiar e social;
- criminalidade: número de internações; tipos de crimes cometidos; tipos de ferimentos cometidos e sofridos e fugas de casa;
- uso de drogas: tipos de drogas experimentadas e quantidade consumida antes da internação;
- aspectos psicossociais associados à Aids: conhecimento sobre Aids (inclui quais práticas oferecem maior ou menor risco de infecção pelo HIV);

conhecimento sobre prevenção e grupos mais afetados pela epidemia e sobre os direitos das pessoas com HIV/Aids;

- comportamento sexual: variáveis que investigam tipos de práticas sexuais; início da atividade sexual; número de parceiros sexuais; uso de preservativo; troca de sexo por algum benefício; ocorrências de ser forçado ou forçar alguém a fazer sexo;
- doenças sexualmente transmissíveis: tipos de sintomas; conhecimento de lugares para tratamento e prevenção;
- teste para HIV: conhecimento sobre o teste; interesse em fazê-lo; conhecimento de serviços que o fazem; percepção de risco para HIV/Aids;
- negociação do sexo seguro: como percebem sua capacidade de conversar e negociar o uso do preservativo; crenças sobre o uso do preservativo e sua eficácia.

Para tabulação das respostas ao questionário, foi usado o programa Epi Info.

RESULTADOS

Dados sociodemográficos e de apoio familiar

Apesar de quase a metade dos entrevistados se definir como branco (42%), constatou-se que esse número era bem menor, pois muitos jovens que seriam definidos como de ascendência negra se declaravam brancos.

Quanto à religião, 38% dos entrevistados disseram ser católicos, e 34% acreditavam em Deus, mas não declararam religião específica. Quanto à escolaridade, a totalidade havia estudado em escola pública, mas 61% já tinham interrompido os estudos antes de ser internados na Febem. Nas entrevistas, os internos comentaram que estudar era importante para melhorar de vida: “*conseguir emprego fixo, com carteira assinada e bom salário*”, mas que as aulas eram “*casualísticas e os professores pouco interessados*”.

Com relação à profissionalização, 97% disseram já ter tido um emprego na vida. Nas entrevistas, constatou-se que os jovens costumavam ter, antes da internação, um emprego onde “*ganhavam pouco*” e compensavam os baixos salários com assaltos ou traficando drogas para adquirir bens de consumo como tênis, acessórios e roupas de grife. Além disto, “*ser ladrão*” também era considerado por muitos uma profissão, pois recebiam salários ou porcentagem nos crimes que cometiam.

A maioria (90%) morava com familiares, pais ou parentes, sendo que 44% moravam com pai e mãe, e

27% tinham um ou ambos os pais já falecidos. Considerando o contexto familiar dos jovens que moravam com ambos os pais, verificou-se um aspecto bastante significativo: somente 34% deles moravam num lar em que os pais não tinham problemas com uso de álcool ou drogas.

Criminalidade e violência

Dados dos questionários mostram que 35% dos jovens tinham sido feridos por arma de fogo ou faca, 50% responderam achar que poderiam ser mortos pela bala de um policial, e 34% já tinham fugido de casa por causa de problemas com a polícia. Nas entrevistas, eles relataram sua expectativa diante da vida: em geral os jovens não acreditavam que passariam dos 24 ou 25 anos e poucos achavam que poderiam mudar o rumo de suas vidas. A violência dentro da Febem reproduz o que se passa nas periferias das regiões da Grande São Paulo, tanto entre monitores e meninos quanto entre os próprios garotos. As falas são significativas: *“Mas senhora, isto não é diferente do que acontece no ‘mundão’ [mundo fora da Febem], nos bailes ‘funk’; nas paradas – bairros –, escreveu não leu, o pau comeu”*; *“A vida é assim mesmo. Aqui, é igualzinho lá fora”*; *“A violência tá em toda parte. Onde moro, pra travessar a favela, é o maior perigo, é bala pra tudo quando é lado”*; *“Meu pai morreu de bala”*. Nas entrevistas, os jovens também falam do dia-a-dia da instituição, onde *“o pau come”* (levam surras) principalmente à noite, quando os *“pirriú”* (vigilantes que apitam) invadem os dormitórios e batem indiscriminadamente: *“você acorda apanhando e nem sabe por quê”*.

Dados dos questionários mostraram que quase metade dos garotos (45%) era re-interno na Febem. Os motivos, em 80% dos casos, eram assaltos e furtos. A maioria dos jovens durante as entrevistas disse que somente na criminalidade conseguiria o que sonhava para sua vida: *“carro novo, mulher bonita e dinheiro”*.

Drogas

Dados obtidos mostram que somente 12% dos garotos nunca experimentaram nenhum tipo de droga, 5,5% usaram droga injetável, sendo que 2% no último mês antes da internação. Entre todos os jovens que usaram drogas, metade começou entre os dez e os 13 anos de idade, sendo que 83% usaram maconha; 57%, cocaína; 42%, crack; 42%, substâncias voláteis; e 18%, remédios. Com referência ao álcool, 17% dos garotos disseram ter feito uso durante 20 dias ou mais no último mês antes da internação. Além disto, 30% disseram já ter saído de casa por problemas com as drogas, e 27% disseram já ter tido parceiras(os) sexuais que usavam drogas.

A análise das entrevistas mostra que as drogas estavam por trás da maioria das infrações que levavam os jovens à internação. Vários garotos indicaram que um dos maiores desafios quando saíssem da Febem seria ficar longe das drogas. Comentaram que na instituição não há nenhum tratamento para a dependência e que acabavam se desintoxicando sem ajuda de ninguém. Falavam que as drogas são prazerosas num primeiro momento, mas que, com o tempo, levavam ao *“definhamento e ao domínio da vontade da pessoa”*. Os jovens também falavam do sofrimento que a droga trazia para a família.

Comportamento sexual

Verificou-se que 98% dos garotos já tinham tido relação sexual, sendo que 69% iniciaram-na entre os oito e 13 anos de idade. Destes, 12% já trocaram sexo por algum tipo de benefício, 38% tiveram algum sintoma de doença sexualmente transmissível, 35% referiram 15 ou mais parceiros sexuais, 8% relataram experiências homossexuais (dentro ou fora da Febem), e 5% já tinham sido forçados a fazer sexo. Nas entrevistas, os jovens comentaram que sexo era algo importante e faziam referência ao perigo de estarem abstinente, porque era descrito como algo que *“relaxa”* e próprio para *“descarrego”* e *“diversão”*. Também relataram que não precisavam amar a mulher para fazer sexo com ela, bastava ela ser *“bonita de corpo”*. Separavam garota para transar e para relacionamento sério e preferiam as virgens ou as garotas de *“família”* para não correr o risco de *“pegar alguma doença”*. Os jovens acreditavam que o preservativo só precisava ser usado nas *“transas”* esporádicas, *“com quem não se conhece bem”*.

Dados dos questionários mostraram que 23% dos garotos eram pais, apesar de 97% achar que a camisinha era um bom método de evitar a gravidez. Nas entrevistas, os jovens comentaram que *“ser pai”* era sinal de masculinidade e que gravidez não era um problema, muito pelo contrário: aqueles que tinham filhos eram mais respeitados no grupo. Além disto, evitar a gravidez era tarefa da mulher; ao homem cabia usar todas as estratégias para convencê-la a *“transar”*, e a garota, não se deixar enganar e se preservar.

Crenças e conhecimentos sobre Aids e prevenção

Os jovens mostraram ter bom nível de informação: 86% sabiam que não havia cura; 77%, que *“não se pegava Aids comendo de um mesmo sanduíche de alguém que tem a doença”*; e 86%, que *“não dá para saber se uma pessoa tem o HIV somente olhando para ela”*. Porém, com relação à prevenção, encontravam muitas dificuldades: 72% dos jovens disseram já ter

feito sexo com preservativo, porém somente 9% usaram camisinha com todas(os) as(os) parceira(os) sexuais, e 30% a usaram na última relação sexual. Sobre o preservativo: 83% disseram que era frágil; 58%, que atrapalhava o sexo; 75%, que, se não a tivessem, fariam sexo do mesmo jeito, apesar de 60% dizer que seria fácil negociar seu uso com a outra pessoa. Com relação à percepção de sua suscetibilidade ao HIV, 40% dos jovens não se percebiam em risco, mas 80% disseram querer ser testados.

DISCUSSÃO

Os jovens pesquisados apresentam um alto risco de aquisição do HIV. Esse alto índice de comportamentos de risco e baixo uso de preservativo são coerentes com vários estudos que chamam a atenção para o grau de vulnerabilidade dessa população com respeito à infecção pelo HIV, ao uso de drogas e à violência. Rickman et al¹² verificaram que, apesar do alto número de parceiros sexuais, a maioria dos jovens em regime de confinamento (67%) nunca tinha usado preservativo em suas relações sexuais. Porém, aqueles que conversavam com seus parceiros sobre a vida sexual passada e que conheciam alguém com Aids estavam mais motivados a usar o preservativo.

Magura et al⁵ encontraram frequência elevada de uso de maconha e álcool entre adolescentes em contenção em Nova York (75%), assim como elevada frequência de práticas sexuais de risco para contrair o HIV, com somente 15% dos adolescentes usando preservativo em todas as relações sexuais. O único estudo brasileiro publicado com jovens em regime de contenção encontrou dados semelhantes aos estudos internacionais, ou seja, um alto grau de vulnerabilidade ao HIV (Zanetta et al,¹³ 1999).

No presente estudo, foi encontrado um perfil de jovens urbanos pobres em conflito com a lei, em um contexto de altíssima vulnerabilidade individual, social e programática (Mann et al,⁶ 1993) frente à Aids e às doenças sexualmente transmissíveis, à dependência às drogas e à violência, enfatizando a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas de prevenção de impacto que sejam compreensivas em relação a sua particularidade social e cultural, na qual está implicada essa vulnerabilidade. A situação socioeconômica desfavorável e reproduzida nas unidades da Febem obriga esses jovens a viver num universo caótico e violento, com poucos recursos para se protegerem da Aids e do contexto que os envolve na, como eles dizem, “*vida do crime*”.

As campanhas educativas e a mídia, desde 1993, passaram a falar bastante do preservativo, que ficou mais popular, e a frequência de seu uso cresceu entre os jovens. Em 1986, menos de 5% dos adolescentes brasileiros diziam ter usado preservativo na primeira relação sexual, e, em 1999, essa afirmação chegou a 50%. Entre os jovens de 16 a 25 anos, 87% disseram que usavam camisinha consistentemente com parceiros casuais, 24%, em todas as relações sexuais, e 90% declararam que não teriam relação sexual com alguém que conhecessem recentemente e se recusasse a usar o preservativo. O uso de preservativo nos últimos 12 meses, pelos jovens da presente pesquisa, foi semelhante nos EUA (67%) e no Brasil (63%). No Brasil, conforme relatório do Cebrape,^{*} 59% dos homens pesquisados usaram preservativo na última relação sexual; nos EUA, 62%. O mesmo relatório aponta, entre as mulheres sexualmente ativas na faixa de 16 a 25 anos, que a proporção de uso de preservativo nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa foi de 35%, no Brasil, e nos EUA, de 22%.

O maior desafio que há pela frente, como o presente estudo aponta, é a prevenção entre os jovens que, como os internos na Febem, vivem num contexto de maior vulnerabilidade e sem perspectivas de reversão do contexto.

Aids para esses jovens faz parte da vida, como todos os outros riscos relatados. Sentem que não há o que fazer diante do que seu futuro reserva. Não conseguem imaginar como vencer a violência, a fome, a miséria, a falta de emprego e de oportunidades na vida, a discriminação e a falta de direitos, sempre presentes nas entrevistas. O HIV é apenas mais um risco, o preservativo é mais uma coisa que atrapalha o sexo. Há riscos piores que a Aids, como, por exemplo, morrer na criminalidade. “*Conhecem*” e confiam em suas namoradas porque “*são de família*”; com parceiras ainda “*desconhecidas*”, tendem a lembrar e usar mais o preservativo. O preservativo tem se tornado mais conhecido deles, sabem que precisam usá-lo, mas é para o começo da relação, quando “*não conhecem bem a pessoa*” e, se for dar “*trabalho*” (negociar seu uso), desistem. O preservativo é considerado eficaz para a Aids, porém pouco prazeroso e frágil: “*rasga com facilidade*”, “*parece uma bexiga*”, é como “*chupar bala com papel*”. Além disso, o sexo parece quase sempre associado às situações e cenas inesperadas e não planejadas; fica difícil ter preservativo na hora que a relação sexual acontece (Antunes,² 1999). Além de todas essas dificuldades do contexto social e cultural dos jovens, as questões de gênero – as diferentes maneiras de pensar, sentir e agir que se aprendem desde crianças e que definem o ser

*Relatório de pesquisa intitulado: *Comportamento sexual da população brasileira e percepção sobre HIV e Aids*, apresentado ao Cebrape e Ministério de Saúde, 1999. Versão preliminar. Disponível em <http://www.aids.gov.br/> [fevereiro de 2000].

homem e o ser mulher na cultura brasileira – têm sido uma dificuldade importante para a prevenção do HIV (Paiva,⁷ 1993).

Os achados do presente estudo estão de acordo com outros que têm indicado a inadequação de programas de prevenção baseados na noção de “escolha racional, percepção de risco e tomada de decisão” (Parker,¹⁰ 1994; Paiva,⁹ 1999). Além de salientar que informação não necessariamente significa mudança de comportamento, mostram que lidar com a vulnerabilidade ao HIV está além de ser uma decisão individual diante de situações de sexo coercitivo, de certas culturas de gênero ou empobrecidas condições de vida carregadas de violência e de outros riscos.

O contexto sociocultural que expõe ao HIV jovens empobrecidos vivendo em São Paulo e as tentações da “*vida do crime*” não desapareceram. Uma das contribuições do presente estudo foi sensibilizar os agentes governamentais e desenhar um programa de prevenção ao HIV e à Aids que se desenvolve dentro do conceito de promoção de cidadania e autonomia juvenil em três unidades da Febem desde 1999; essa iniciativa serviu de base para o programa “Prevenção da Aids e Cidadania”, voltado para esse segmento (Peres et al,¹¹ 2000) e financiado pela Febem.

Concluiu-se que muito mais pode ser feito se houver vontade política, mesmo em se tratando de população considerada difícil de ser atingida.

REFERÊNCIAS

1. Antunes MC, Stall RD, Paiva V, Peres CA, Paul J, Hudes M et al. Evaluating an Aids sexual risk reduction program for young adults in public night schools in São Paulo, Brazil. *AIDS* 1997;11 Suppl 1:21-7.
2. Antunes MC. Influências das normas de gênero na prevenção da Aids: avaliando um modelo educativo para jovens [Dissertação de mestrado]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 1999.
3. Boletim Epidemiológico Aids. Ministério da Saúde. [periódico on-line] 2001;15(1). Disponível em <URL: <http://www.aids.gov.br/>>
4. Fundação SEADE. *Censo demográfico de 1999*. Disponível em <URL: <http://www.seade.gov.br/>> [15 março de 2000].
5. Magura S, Kang SY, Shapiro JL. Outcomes of intensive Aids education for male adolescent drug users in jail. *J Adolesc Health* 1994;15:457-63.
6. Mann J, Tarantola DJM, Thomas W, organizadores. *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1993.
7. Paiva V. Sexuality, condom use and gender norms among Brazilian teenagers. *Reprod Health Matters* 1993;2:98-109.
8. Paiva V. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: Parker R, Barbosa RM. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1996. p. 213-34.
9. Paiva V. Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In: Barbosa RM, Parker R, organizadores. *Sexualidade pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; 1999. p. 249-69.
10. Parker R. Diversidade sexual, análise cultural e a prevenção da Aids. In: Parker R, organizador. *A construção da solidariedade: Aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1994. p. 117-32.
11. Peres C, Paiva V, Peres R, Silveira F, Hearst N. Como falar de prevenção da Aids para quem vive do risco e em risco: a história de um projeto com jovens infratores. In: *Anais do 3º Congresso Brasileiro de Prevenção em DST/Aids*; 1999; Rio de Janeiro (BR); 1999.
12. Rickman RL, Lodico M, Diclemente RJ, Morris R, Baker C, Huscroft S. Sexual communication is associated with condom use by sexually active incarcerated adolescents. *J Adolesc Health* 1994;15:383-8.
13. Zanetta DM, Strazza L, Azevedo RS, Carvalho HB, Massad E, Menezes RX et al. HIV infection and related risk behaviours in a disadvantaged youth institution of São Paulo, Brazil. *Int J STD Aids* 1999;10:98-104.